

SEMPRE
VIVEMOS
NO
CASTELO

SHIRLEY JACKSON

Tradução
Débora Landsberg



Copyright © 1962 by Shirley Jackson

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

We Have Always Lived in the Castle

Capa e ilustração

Elisa von Randow

Preparação

André Marinho

Revisão

Adriana Bairrada

Renata Lopes Del Nero

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jackson, Shirley, 1916-1965

Sempre vivemos no castelo / Shirley Jackson; tradução
Débora Landsberg. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Suma de
Letras, 2017.

Título original: We Have Always Lived in the
Castle.

ISBN 978-85-5651-032-7

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-ame-
ricana) I. Título.

17-02198

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — Sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

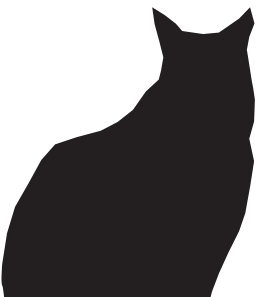
www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

Para Pascal Covici



Meu nome é Mary Katherine Blackwood. Tenho dezoito anos e moro com a minha irmã Constance. Volta e meia penso que se tivesse sorte teria nascido lobisomem, porque os dois dedos médios das minhas mãos são do mesmo tamanho, mas tenho de me contentar com o que tenho. Não gosto de tomar banho, nem de cachorros nem de barulho. Gosto da minha irmã Constance, e de Richard Plantagenet, e de *Amanita phalloides*, o cogumelo chapéu-da-morte. Todo o resto da minha família morreu.

Da última vez que dei uma olhada nos livros da biblioteca que estavam na prateleira da cozinha, o prazo deles já estava mais de cinco meses vencido, e me perguntei se eu escolheria diferente caso soubesse que seriam os últimos livros, aqueles que ficariam para sempre na prateleira da nossa cozinha. Raramente mudávamos as coisas de lugar: os Blackwood nunca foram uma família muito ativa ou inquieta. Trocávamos os objetos transitórios de pequenas superfícies, os livros, as flores e as colheres, mas embaixo deles sempre tivemos uma base sólida de objetos estáveis. Sempre devolvíamos as coisas ao seu lugar. Tirávamos o pó e varriamos debaixo das mesas e cadeiras e camas, dos retratos e tapetes e luminárias, mas os deixávamos no mesmo lugar; as caixinhas em padrão tartaruga na penteadeira da nossa mãe nunca se mexiam mais que uma fração de centímetro. Os Blackwood sempre moraram na nossa casa e mantiveram suas coisas em ordem; assim que a nova esposa de um Blackwood se mudava, achava-se um lugar para seus pertences, e então nossa casa foi ficando mais pesada com as camadas de bens dos Blackwood, elas a mantinham firme contra o mundo.

Foi numa sexta-feira no final de abril que eu trouxe os livros da biblioteca para a nossa casa. Sextas e terças eram dias terríveis porque eu tinha de ir ao vilarejo. Alguém precisava ir à biblioteca e ao mercado; Constance nunca andava além do próprio jardim, e o tio Julian não podia. Então não era o orgulho o que me levava ao vilarejo duas vezes por semana, nem mesmo a teimosia, mas a simples necessidade de livros e comida. Talvez fosse o orgulho que me levasse a entrar na cafeteria da Stella para tomar uma xícara de café antes de voltar para casa; eu disse a mim mesma que era o meu orgulho e que não evitaria entrar lá independentemente do quanto quisesse estar em casa, mas também sabia que Stella me veria passar caso não

entrasse, e talvez pensasse que eu tinha medo, e essa ideia era insuportável para mim.

“Bom dia, Mary Katherine”, Stella sempre dizia, esticando o braço para limpar o balcão com um pano úmido, “como você está hoje?”

“Muito bem, obrigada.”

“E Constance Blackwood, está bem?”

“Muito bem, obrigada.”

“E como é que *ele* está?”

“Bem, na medida do possível. Café puro, por favor.”

Se mais alguém entrava e se sentava no balcão, eu largava o café sem dar a impressão de estar com pressa e ia embora, acenando com a cabeça para me despedir de Stella. “Se cuida”, ela sempre dizia mecanicamente quando eu saía.

Escolhia os livros da biblioteca com cuidado. Tínhamos livros em casa, é claro; o escritório do nosso pai tinha duas paredes cobertas de livros, mas eu gostava de contos de fadas e livros com temas históricos, e Constance gostava de livros de culinária. Mesmo que o tio Julian nunca pegasse um livro sequer, gostava de observar Constance lendo nos finais de tarde enquanto ele próprio se debruçava sobre seus papéis, e às vezes virava a cabeça para olhá-la e assentia.

“O que você está lendo, minha querida? Uma bela visão, uma dama com um livro.”

“Estou lendo um livro que se chama *A arte de cozinhar*, tio Julian.”

“Admirável.”

A gente nunca fica quieta por muito tempo, é claro, com o tio Julian por perto, mas não me lembro de Constance e eu termos sequer chegado a abrir os livros da biblioteca que continuam na prateleira da nossa cozinha. Era uma bela manhã de abril quando saí da biblioteca; o sol brilhava, e as falsas

promessas gloriosas da primavera estavam por todos os lados, destacando-se da sujeira do vilarejo de um jeito estranho. Eu me lembro de ter parado na escada da biblioteca com os livros nas mãos para observar por um instante o verde-claro se insinuando nos galhos contra o céu, desejando, como sempre, que pudesse voltar para casa pelo céu em vez de cruzar o vilarejo. Da escada da biblioteca eu poderia atravessar logo a rua e andar do outro lado em direção ao mercado, mas assim teria de passar pela mercearia e pelos homens que ficavam sentados ali na frente. Nessa cidadezinha os homens permaneciam jovens e faziam as fofocas, enquanto as mulheres envelheciam com seu cansaço colorido por uma maldade cinzenta, esperando em silêncio que os homens se levantassem e fossem para casa. Eu poderia sair da biblioteca e percorrer a rua deste lado até chegar ao mercado e então atravessar; isso era preferível, apesar de ter de passar na frente do correio e da casa Rochester, com as pilhas de latas enferrujadas e os automóveis quebrados e as latas de gasolina, os colchões velhos e as instalações hidráulicas e os tanques de lavar roupa que a família Harler levava para casa e — acredito sinceramente — amavam.

A casa Rochester era a mais bonita da cidade e antigamente tinha uma biblioteca revestida com lambris de nogueira e um salão de festas no segundo andar e um monte de rosas espalhadas pela varanda; nossa mãe tinha nascido ali, e por direito o lugar deveria ser de Constance. Resolvi, como sempre, que seria mais seguro passar pelo correio e pela casa Rochester, apesar de não gostar de ver a casa onde nossa mãe nasceu. Este lado da rua geralmente ficava deserto de manhã, já que fazia sombra, e de qualquer maneira depois de entrar no mercado eu teria de passar pela mercearia para voltar para casa, e passar por ela indo e vindo ia além do suportável.

Saindo do vilarejo, na Hill Road e na River Road e na Old

Mountain, gente como os Clarke e os Carrington havia construído casas novas muito bonitas. Precisavam atravessar o vilarejo para chegar a Hill Road e River Road porque a rua principal também era a estrada mais conhecida para cruzar o estado, mas os filhos dos Clarke e os meninos dos Carrington frequentavam escolas particulares, e a comida nas cozinhas de Hill Road vinha das cidadezinhas próximas e de uma cidade maior; a correspondência era levada de carro da agência do vilarejo, passando pela River Road e subindo até Old Mountain, mas o pessoal da Mountain postava suas cartas nas cidadezinhas, e o pessoal da River Road cortava o cabelo na cidade grande.

Sempre me intrigou que as pessoas do vilarejo, morando em suas casinhas imundas na estrada principal ou na Creek Road, sorrissem e assentissem e acenassem quando os Clarke e os Carrington passavam de carro; quando Helen Clarke entrava no Mercado do Elbert para comprar a lata de molho de tomate ou o meio quilo de café que a cozinheira tinha esquecido, todo mundo lhe dava “Bom dia” e dizia que o tempo hoje estava melhor. A casa dos Clarke é mais nova, mas não é melhor do que a casa dos Blackwood. Nosso pai trouxe para casa o primeiro piano que o vilarejo já viu. Os Carrington são donos da fábrica de papel, mas os Blackwood possuem todas as terras entre a estrada e o rio. Os Shepherd de Old Mountain deram ao vilarejo a sede da prefeitura, que é branca e pontuda e construída em um gramado verde com um canhão na frente. Teve uma época em que conversaram sobre estabelecer leis de zoneamento no vilarejo e derrubar os barracos de Creek Road para reconstruir o vilarejo inteiro combinando com a prefeitura, mas ninguém moveu uma palha; talvez imaginassem que os Blackwood passariam a comparecer às reuniões municipais se fizessem alguma coisa. Os moradores tiram suas licenças para caçar e pescar na prefeitura, e uma vez por ano os Clarke e os

Carrington vão à reunião municipal e votam solenemente pela retirada do ferro-velho dos Harler da Main Street e pela retirada dos bancos na frente da mercearia, e todos os anos os moradores os vencem alegremente. Depois da prefeitura, virando à esquerda, fica a Blackwood Road, o caminho de casa. A Blackwood Road forma um grande círculo em torno do terreno Blackwood, e cada centímetro dela é fechado por uma cerca de arame farpado levantada pelo nosso pai. Não muito longe da prefeitura fica a enorme pedra preta que marca a entrada da trilha onde destranco o portão e o tranco logo depois de passar e atravesso o bosque e chego em casa.

O pessoal do vilarejo sempre nos odiou.

Eu fazia uma brincadeira quando ia às compras. Pensava nos jogos infantis em que o tabuleiro é dividido em quadradinhos e cada jogador mexe as peças de acordo com os dados: sempre havia riscos, como “fique uma rodada sem jogar”, “volte quatro casas” e “volte ao ponto de partida”, e ajudinhas, como “avance três casas” e “jogue mais uma vez”. A biblioteca era meu ponto de partida e a pedra preta era meu objetivo. Tinha de descer por um lado da Main Street, atravessar e depois subir pelo outro lado até chegar à pedra preta, e assim eu vencia. Comecei bem, fazendo uma virada segura pela calçada vazia da Main Street, e talvez esse acabasse sendo um dos dias ótimos; às vezes era assim, mas nem tanto nas manhãs de primavera. Se fosse um dia ótimo, depois eu faria uma oferenda de joias num gesto de agradecimento.

Comecei andando rápido, respirei fundo para continuar e não olhei ao redor; estava com os livros da biblioteca e a sacola de compras, e observava meus pés se movendo, um depois do outro; dois pés nos velhos sapatos marrons da nossa mãe. Senti

que alguém me olhava de dentro do correio — não aceitávamos correspondências, e não tínhamos telefone: ambos haviam se tornado insuportáveis seis anos antes —, mas eu conseguira aguentar uma rápida olhadela vinda do correio; era a velha srta. Dutton, que nunca encarava ninguém às claras como outras pessoas, somente por entre as persianas e de trás das cortinas. Eu nunca olhava para a casa Rochester. Achava insuportável pensar na nossa mãe nascendo ali. De vez em quando me perguntava se a família Harler sabia que morava em uma casa que deveria ter sido de Constance; no quintal deles havia sempre tanto barulho de metal batendo que não conseguiam me ouvir andar. Talvez os Harler imaginassem que aquela barulheira sem fim espantasse os fantasmas, ou talvez gostassem de música e achassem o som agradável; talvez os Harler vivessem lá dentro como viviam ali fora, sentados em banheiras velhas e jantando com pratos quebrados apoiados na carcaça de um velho Ford, chacoalhando latas durante a refeição e conversando aos berros. Sempre havia uma mancha de sujeira na calçada em que os Harler moravam.

Atravessar a rua (perca a sua vez) vinha em seguida, para chegar ao mercado exatamente do outro lado. Eu sempre hesitava, vulnerável e desprotegida, na beira da rua enquanto os carros passavam. O tráfego na Main Street era quase sempre rápido, carros e caminhões cruzando o vilarejo porque era isso o que a estrada fazia, então os motoristas raramente olhavam para mim; eu podia identificar os carros dos moradores pela olhadela desagradável do motorista e me perguntava, sempre, o que aconteceria se eu descesse do meio-fio para a pista; haveria uma guinada rápida, quase involuntária, na minha direção? Só para me assustar, talvez, só para me verem dar um salto e me esquivar? E depois a gargalhada, vinda de todos os lados, de trás das persianas do correio, dos homens em frente à mercearia.

ria, das mulheres espreitando da porta do mercado, todos assistindo e tripudiando ao ver Mary Katherine Blackwood correndo para sair da frente de um carro. Às vezes eu perdia duas ou até mesmo três rodadas porque aguardava atentamente que a pista se esvaziasse em ambas as direções antes de atravessar.

No meio da rua, saí da sombra e entrei no claro, enganoso sol de abril; em julho a superfície da pista já estaria mole do calor e meus pés grudariam, tornando a travessia mais perigosa (Mary Katherine Blackwood, o pé preso no piche, encolhida enquanto o carro avançava em sua direção; volte ao início, comece tudo de novo), e as casas ficariam mais feias. O vilarejo todo era de um tipo, uma época e um estilo; era como se as pessoas precisassem da feiura do vilarejo e se nutrissem dela. As casas e as lojas pareciam ter sido montadas com uma pressa desdenhosa só para oferecer abrigo aos desmazelados e aos desagradáveis, e a casa Rochester e a casa dos Blackwood e até a sede da prefeitura talvez tenham sido levadas para lá por acidente vindas de alguma cidadezinha distante e adorável onde se vivia com elegância. Talvez as casas bonitas tivessem sido capturadas — talvez como castigo aos Rochester e aos Blackwood e seus corações secretamente malvados? — e estivessem aprisionadas no vilarejo; talvez a vagarosa putrefação delas fosse um sinal da feiura dos moradores. A fileira de lojas na Main Street era invariavelmente cinza. Os donos moravam em cima delas, numa fileira de apartamentos de segundo andar, e as cortinas na linha uniforme de janelas do segundo andar eram pálidas e sem vida; aquilo que planejava ser colorido logo perdia a vontade no vilarejo. A desgraça do vilarejo nunca partira dos Blackwood; os moradores faziam parte do lugar, e o vilarejo era o único lugar conveniente para eles.

Eu sempre pensava em putrefação quando me aproximava da fileira de lojas; pensava em uma putrefação preta, ardente e

dolorosa que corroía por dentro, ferindo terrivelmente. Era o que eu desejava ao vilarejo.

Tinha uma lista de compras para o mercado; Constance a fazia para mim todas as terças e sextas antes de eu sair de casa. O povo do vilarejo não gostava do fato de que sempre tínhamos muito dinheiro para comprar o que quiséssemos; havíamos tirado nosso dinheiro do banco, é claro, e eu sabia que falavam do dinheiro escondido na nossa casa, como se houvesse montes enormes de moedas de ouro e Constance e tio Julian e eu nos sentássemos à noite, os livros da biblioteca esquecidos, e brincássemos com elas, passando a mão nelas e contando-as e empilhando-as e girando-as, zombando e escarnecendo a portas fechadas. Imagino que havia muitos corações apodrecidos no vilarejo cobiçando nossas pilhas de moedas de ouro, mas eram covardes e tinham medo dos Blackwood. Quando tirei a lista de compras da sacola peguei também a bolsa para que Elbert do mercado soubesse que eu estava com dinheiro, e ele não poderia se negar a vender para mim.

Nunca importava quem estava no mercado. Eu sempre era atendida imediatamente; o sr. Elbert e sua pálida esposa gananciosa sempre vinham de onde estivessem na loja para buscar o que eu queria. Às vezes, quando o garoto mais velho estava ajudando durante as férias escolares, corriam para garantir que não fosse ele a me atender, e uma vez quando uma menininha — uma criança estranha ao vilarejo, é claro — chegou perto de mim no mercado, a sra. Elbert puxou-a com tanta força que ela berrou e então houve um longo minuto de imobilidade enquanto todo mundo esperava, até que a sra. Elbert tomou fôlego e disse: “Mais alguma coisa?”. Eu sempre ficava bem ereta e rígida quando crianças chegavam perto porque tinha medo delas. Tinha medo de que tocassem em mim e as mães me atacassem como uma revoada de falcões com garras; era sempre